“Crise na cultura”

A língua alemã já levava dois séculos sustentando a oposição entre os termos civilização e cultura[1] quando Freud se desmarcou do quadro de saber referencial e o colocou em discussão. Situamos nisso o passe discursivo mais difícil de produzir: o deslocamento do discurso universitário ao discurso do analista, a progressão do termo saber no lugar de *semblant* no lugar da verdade.

Expressada agora em um único termo *Kultur*, — que o alemão articula como *Bildung*, relativo à construção de formações sociais e culturais —, a tensão conceitual persiste. A encontramos indicada no desencanto com o qual Freud marca os efeitos devastadores da corrente civilizatória sobre as ‘comunidades de cultura’.[2]

Lacan retoma o assunto em Bruxelas ao levantar se a ética da psicanálise está à altura de seu tempo[3] e conclui dizendo que sua única referência é o real da experiência, a cabeceira do leito onde seu paciente lhe fala.

A análise é um tempo de falar. A regra fundamental formulada pelo analista abre um campo de ressonância em que o analisante, sujeito da experiência, tem a ocasião de encontrar seu modo singular de dizer.

O discurso do analista nasce com o capitalismo e pode considerar-se sua interpretação. As resistências nunca faltaram. Freud em seu momento refutou a Rank quando propunha mensurar o *tempo* da análise ao “*time is money*” do sonho americano[4]. Para ele exprimiu as razões do novo discurso cuja importância, mais que pelas palavras que o articulam, está dada pela lógica que o regula, e sua eficácia no dizer.

Por Freud sabemos que o laço social se funda em uma renúncia ao que o gozo que chamamos castração. Operação que subtrai um gozo que o falante cede para viver de forma gregária e que, como real impossível, retornará como verdade nas falhas do saber.

Cada laço social implica uma política do gozo, uma maneira de lidar com esse mal-estar estrutural que, ao originar-se na incompatibilidade entre a condição sexual do falante e o campo de linguagem — nenhum projeto civilizatório pode anular.

Lacan recorreu à fenomenologia hegeliana para fazer do inconsciente um discurso, e do amo um significante[5]. Que o inconsciente seja um discurso implica, entre outras coisas, que só está no que dizemos, enquanto que o feito de que o amo se reduza a um significante diz sobre a impossibilidade de seu recobrimento por uma representação. Toda representação do amo é religiosa, porque não há mais amo que o próprio significante.

A ética do discurso do analista reconhece como único amo a *dit-mensión* do inconsciente[6]. Sem dúvidas, sempre o mais resistido fora e dentro da comunidade analítica.

Na Proposição de 9 de outubro de '67 Lacan buscou desentranhar a lógica das condições discursivas onde o analista insere sua prática. Então, advertia sobre os efeitos que o empurre da ciência e os avanços tecnológicos produzem no laço e acerca do que esses efeitos despontavam como porvir crítico, particularmente em forma de segregação.

Meses mais tarde[7], distingue a civilização por sua função de homogeneização e seu afã por separar os restos, o considerado inútil. Assim como previa que ia suceder com seus Escritos — que acabariam como objetos de consumo, a venda em bancas de revistas —, salientava como cada broto que emerge do singular, o projeto homogeneizante o tritura até reduzi-lo, e logo de amputá-lo de sua singularidade, o tira na circulação geral para ser reabsorvido como resto a reciclar.

Se a civilização é 'o grande esgoto', — processo pelo que, em nome dos bons costumes, os restos se reciclam e voltam à circulação por meio da indústria humana-, a psicanálise encontra ao sujeito identificado a esse objeto caído do corpo, ao que se reduz seu ser e sua dignidade. O sujeito 'é' esse objeto resto em que o fantasma determina a economia do desejo.

A experiência analítica encontra a cada qual determinado em quanto sujeito dividido por esse objeto que Lacan chamou objeto *a,* e a respeito de qual cada um é singular tanto como está só.

Ao término da análise, o sujeito poderá reconhecer-se naquele que abandonou de si mesmo em forma de osso irredutível, nessa verdade da castração da qual é incurável.

Em Milão[8], Lacan deu escritura a torção do discurso do amo que chamou de capitalista e que encontra sua expressão mais extrema no atual discurso neoliberal. Já não se trata de mercados comuns, se não

de globalização, e a segregação como separação dos restos há deixado passo a mais descarada eliminação.

Esse deslize ínfimo de termos que separa um discurso do outro tem enormes consequências tanto na clínica como em fenômenos coletivos. Perguntamos-nos pelos efeitos calculáveis nos sujeitos e nos laços quando os significantes amo hesitam ou deixam de operar, e os efeitos quando — contrariando a impossibilidade que mencionamos — o amo se encarna em algum nome ou poder.

O que vai ao lugar de resto no discurso atual, o que não serve a seus fins universalizantes, representa algo a eliminar: a dimensão do inconsciente, o singular do sintoma e o contingente da situação de desejo ao que este dá expressão. Uma política que, como costuma dizer Norberto Ferreyra, faz calar e mata.

O discurso que praticamos faz objeção a essa política. O campo de ressonância que abre permite escutar no equívoco, nos tropeços, aquele resto de gozo inassimilável que insiste a enunciação do desejo que escapa ao discurso do universal.

O mundo marcha, anda em sua função de mundo enquanto a análise se orienta no que não anda, no real[9].

Como manifestação do real em nosso nível de seres vivos, como emergência da marca da língua no corpo, o sintoma cava um buraco no discurso dominante que não aceita o escândalo de posições singulares. Com o sintoma o falante resiste a ser absorvido no mundo, a incluir as marcas singulares de sua história na uniformização do mercado.

A ética que praticamos busca reestabelecer a dimensão do inconsciente reenviando ao analisante a sua singularidade. Só assim poderá dar-se a notícia de sua determinação e — pelo rodeio da transferência com o analista — restar consistência aos significantes amo que o governam e deixa-los cair ao lugar de produção, dando lugar a um novo 'ar' na estrutura, uma modificação em sua economia de gozo.

Pela análise, se trata de crer no inconsciente e de chegar a lidar com o sintoma na vida, do que se testemunha no dispositivo de passe em uma escola.

Sustentar a vigência do inconsciente reveste um profundo alcance político, não só porque o discurso que dominante aponta a sua eliminação, se não fundamentalmente porque hoje há quem dentro da psicanálise propõe a caducidade de sua dimensão.

A única imprudência que nunca nos desapontou, é a de não nos fiar de nada se não da experiência do sujeito[10].

Hoje, aos analistas nos cabe:

— pegar os efeitos dessa experiência — a que nos têm como analisantes, a das análises que conduzimos e os que se derivam do dispositivo do passe em uma escola — e transmiti-los, tanto na comunidade analítica, como fora dela.

— resistir a toda tentativa de emudecer o sintoma com manobras que o alimentam de sentido, de suprimi-lo com estratégias de modificação de conduta ou administração de drogas que o silenciem.

— retornar a Lacan para salientar os desvios que degradam a dimensão do inconsciente e engrossam as linhas do discurso neoliberal consagrado ao aniquilamento da condição falante do ser falante.
— avançar na prática do laço que nos reúne que, a diferença de uma 'comunidade de cultura' ou uma associação mundializada que gravita ao redor de um amo, constituí uma comunidade de experiência que alberga as diferenças fecundas em uma aposta ao porvir.

Para continuar estando aí para fazer dizer, para que a psicanálise siga.

Adriana Hercman
Escuela Freudiana de la Argentina

---

(1)O livro "O processo de civilização" de Norbert Elias é uma referência incontornável no que se refere ao rastreamento da genealogia do conflito conceitual entre esses termos, localizando seus atores e os caminhos singulares com os quais se expressa nas diferentes línguas. Elias, N. "*El proceso de la civilización*"; Fondo de Cultura Económica, Mexico, 1989

(2) Freud, S, "*Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte*", Ed Amorrortu, Tomo 14, Bs As, 1983

(3) Lacan, J. "¿El psicoanálisis es constitutivo de una ética a la medida de nuestro tiempo?, en *Discurso a los católicos*, Bs As, Ed Paidós, 2007

(4) "Análisis terminable e interminable", Ed Amorrortu, Tomo 23, Bs As, 1980

---

(5) Lacan, J., El Seminario, Libro 17, El envés del psicoanálisis, Bs As, Ed Paidós, 1992

(6) Salafia, A., *Lalengua,* N° 31, Publicación de la Comisión de Enlace de Buenos Aires de Convergencia

(7) Lacan, J., "*Mi enseñanza, su naturaleza y sus fines*", en *Mi enseñanza*, Bs As, Ed Paidós, 2007

(8) Conferencia de Lacan en Milán, "*Del Discurso psicoanalítico*", del 12 de mayo de1972

(9) Lacan, J., "*La Tercera*", Bs As, Ed. Manantial, 1988

(10) Lacan, J., *"De nuestros antecedentes", Escritos I, Bs AS, Siglo XXI Editores, 2008*